

Os Fatores Emocionais E O Luto Na Infância Em Decorrência De Morte Violenta

Sidmar de Jesus Souza Filho¹, Fernando Rosa de Souza¹, Daniela Ponciano Oliveira²

¹(Discente de Psicologia da Universidade de Gurupi)

²(Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, Docente do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi).

Resumo:

O luto é uma experiência emocional muito intensa, podendo repercutir em toda trajetória de vida, sobretudo nas crianças. Entende-se que o processo de enlutamento é vivenciado de maneira muito subjetiva e que muitos fatores estão envolvidos neste processo, principalmente em casos onde acontecem situações de mortes violentas. O presente estudo teve por objetivo compreender a expressão do luto em uma criança que perdeu seu pai por homicídio. Dessa forma, o estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem de estudo de caso. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram uma entrevista semiestruturada com a genitora, e a aplicação do procedimento de desenho-estória com a criança. Como resultados observou-se que a morte violenta pode ser dificultador para o processo de luto da criança, e a vivência pode trazer vários sentimentos para a criança. No caso do presente, foi possível compreender as expressões do luto trazidas pela criança participante da pesquisa e observar aspectos em relação à perda por morte violenta de um genitor, como dificultador do processo de luto para a criança e sua família. Este estudo aponta para a importância da psicoterapia em casos de luto por morte violenta para possibilitar a expressão dos sentimentos em relação à perda e para que a criança retome seu desenvolvimento emocional, assim como o suporte psicológico para a família, o luto de uma criança reflete em luto familiar.

Palavras-chave: Luto. Morte. Criança. Homicídio.

Date of Submission: 14-05-2023

Date of Acceptance: 24-05-2023

I. Introdução

A morte e suas faces laterais, como a perda e o luto, são processos que muitas vezes são negados, pelos que vivenciam direta ou indiretamente, e até pelos que não vivenciam, no entanto, vez ou outra, todos terão que lidar com tais acontecimentos humanos, já que não é discutida como um processo específico do ciclo de vida (BASSO; WAINER, 2011). Habitualmente, a compreensão de morte é percebida quando ocorre a perda de uma pessoa de profundo vínculo, sendo o luto compreendido como um fato natural e esperado ante a perda vivenciada a partir da subjetividade de cada indivíduo e seu contexto sócio-histórico (BROMBERG, 2000; PARKES, 1998).

Do mesmo modo, assim como os adultos, as crianças também são afetadas pela vivência do luto e podem apresentar sintomas particulares a perda. Essas reações podem ser influenciadas pela maneira em que os adultos vivenciam essa morte (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). O que pode induzir diretamente a reação emocional da criança e sua forma de assimilar o próprio luto (ANDRADE, 2013).

A morte parental vinculada a fatos violentos traz grandes repercussões para o luto infantil, trazendo fatores de risco para o desenvolvimento (MENEZES; BORSA, 2020). É ainda mais agravante quando se trata da morte prematura de um dos ambos pais, que representa um fator de risco à saúde física e mental da criança (PARKES, 1998). Tal fato, quando tem origem em um homicídio, traz riscos significativos à criança se comparando a morte natural, que de uma certa forma é menos traumática (DOMINGOS; MALUF, 2003).

Neste caso, a morte de genitores pode vir afetar o desenvolvimento infantil em curto e longo prazo (BOWLBY, 1970/2006), já que a quebra de vínculo por morte requer uma reorganização emocional por parte da criança e da família (FRANCO; MAZORRA, 2007).

De acordo com Parkes (1998) e Worden (1998), associado ao caráter repentino e violento, o impacto da morte dos pais decorrente de homicídio repercute quanto nas mudanças físicas, emocionais, intelectuais e sociais em seu processo de luto. Segundo os estudos de Schetky (1978), observou reações de pesar distintas: medo de barulhos altos, questionamentos sobre a perda do genitor, sensação de inadequação, linguagem

obscena, comportamentos impulsivos, instabilidade de humor e preocupação em relação ao futuro, enureses noturnas, agressividade e queda no desempenho escolar.

Segundo Domingos e Maluf (2003) e Franco (2005), as perdas repentinas, violentas e prematuras, podem ser as mais difíceis de serem elaboradas. Compreende-se que a maior crise que uma criança pode enfrentar é a morte repentina de um ou de ambos os pais, trazendo o sentimento de onipotência infantil, quebrando a visão da criança de que os pais não são superpoderosos como imaginava (TORRES, 1996). Além disso nessas situações de perda abrupta dos genitores, a criança não tem tempo de elaborar um luto antecipatório, de maneira a se preparar-se psicologicamente para tal evento.

Neste sentido, Bowlby (1970/2006), destaca a perda de uma figura de vínculo é sentida pela a criança como um desamparo. Entre os efeitos mais intensos provocados pela perda, encontra-se o medo de ser abandonado, saudade da figura perdida, e raiva de não poder reencontrá-la. O luto é a resposta usual a uma perda, depois dela ter ocorrido. Configura-se em uma constelação de reações psíquicas, conscientes e inconscientes diante de uma perda significativa. É a resposta a quebra de um vínculo afetivo.

Face a várias mudanças, incertezas e perdas, é crucial viabilizar à criança em ambientes seguros de comunicação e acolhimento, nos quais possa expressar o que conhece e sente, por meio da linguagem verbal ou não verbal. Para corroborar com o processo de expressão da perda, pode-se fazer uso de recursos lúdicos como histórias e desenhos cujos temas favorecem oportunidade de vivências protagonizadas pela criança nesse contexto.

As técnicas projetivas são excelentes recursos utilizados para expressão dos sentimentos da criança, desta forma, a função de tais métodos é semelhante às associações livres que os adultos utilizam para relatarem situações dolorosas, bem como elaborá-las. Por meio da projeção nas atividades lúdicas, a criança alivia seu aparelho psíquico da ansiedade e a angústia decorrente das situações traumáticas até mesmo das situações desagradáveis oriunda das perdas (AFFONSO, 2012).

Paralelo a isto, as discussões sobre morte, perda e luto ganharam destaque significativo a partir da perda repentina do genitor. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é compreender a expressão do luto em uma criança que perdeu seu pai por homicídio.

II. Materiais e Método

Esse estudo refere-se a uma pesquisa a campo de abordagem qualitativa e exploratória com estudo de caso único realizado no Serviço Escola de Psicologia (SEPSI) da Universidade de Gurupi (UnirG). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com o parecer de aprovação nº 5.966.963. A coleta de dados ocorreu no 1º semestre do ano de 2023 por meio de uma entrevista semiestruturada com a responsável, e com a aplicação da técnica projetiva do Desenho Estória com Tema (TRINCA, 2013) com a criança.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares e se preocupa, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O estudo de caso se define como um estudo detalhado de um objeto, de forma a realizar um amplo conhecimento sobre ele, o que seria inatingível através de outras ferramentas de investigação (YIN, 2015).

Iniciou-se o estudo de caso, com o atendimento inicial com a mãe da criança, devidamente gravado em áudio, bem como sistematicamente registrado na folha de registro, caracterizando-se como uma entrevista semiestruturada. Sendo assim, foi realizada a entrevista semiestruturada no intuito conhecer a história de vida da criança, onde foram expostos, de maneira clara e detalhada, os procedimentos, objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A sessão com a mãe e com a criança foram realizadas com o tempo 50 minutos.

Após a realização da entrevista inicial com o responsável, foi agendado um outro dia para o primeiro atendimento com a criança, no qual realizou-se entrevista lúdica, onde solicitou-se que a criança assinasse o Termo de Consentimento Verbal à Criança, e foi aplicado a técnica projetiva do Desenho Estória com Tema, que consiste na solicitação para que a criança faça um desenho, conte uma história e dê um título para o desenho.

Dentre os quatro atendimentos realizados com a criança, o primeiro atendimento consistiu na aplicação da técnica do Desenho Estória e o brincar livre, e os outros encontros foram utilizados a técnica da ludoterapia por meio de jogos.

Após a coleta de dados inicial com a mãe e a primeira sessão com a criança, foram realizadas as transcrições das entrevistas, discussão em grupo de pesquisadores, assim ocorreu a análise dos resultados de acordo com uma compreensão da análise do discurso (BARDIN, 1979), e o manual do Procedimento de Desenho Estória (TRINCA, 2020).

Após todos os procedimentos de coletas de dados com a mãe e a criança, devidamente atendimentos de modo individual, com o auxílio dos referidos instrumentos, e suas respectivas análises e inferências, apresenta-se os resultados e discussão acerca deste estudo de caso.

III. Resultados e Discussão

Apresentação do caso

O caso em análise refere-se a uma criança do sexo feminino de 11 anos, Caroline¹, que vivenciou situação da morte violenta do pai em decorrência de um homicídio qualificado.

Inicialmente a mãe da criança foi recebida no Serviço Escola de Psicologia da Universidade de Gurupi, onde foi realizado o primeiro atendimento, por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de compreender as características dos fatos traumáticos, que comprometeram a saúde emocional da criança, diante da morte violenta do pai.

Diante do atendimento com a mãe, foram investigados os fatores emocionais do luto na vida da criança. Iniciou-se o atendimento com o *rapport* com a mãe, explicando os objetivos dos atendimentos, bem como a participação da filha Caroline, na referida pesquisa. A mãe ressaltou a necessidade de ajuda psicológica para a filha, pelo fato de que ela e sua filha presenciaram a execução do seu esposo, e que tal fato gerou fatores traumáticos em suas vidas, sobretudo prejudicando a saúde mental de sua filha Caroline, somatizando negativamente em todos os aspectos de sua vida.

A família nuclear era composta por 4 pessoas, sendo a mãe/esposa, o esposo-falecido, e duas filhas, sendo Caroline, e outra com 2 anos de idade. Toda a família presenciou a execução do pai e permaneceram na cena do crime por cerca de 10 horas, assistindo a todos os rituais pós execução, o que amplificou as consequências traumáticas de tal evento, sobretudo nas filhas.

As duas filhas, sobretudo a Caroline, eram apegadas ao pai, e segundo o relato da mãe o pai da criança era afetuoso e cuidadoso com as filhas. A genitora relata que Caroline, antes da morte do pai apresentava comportamentos e demais funcionalidades dentro dos padrões de normalidade, para as fases do desenvolvimento. E após o crime, a menor Caroline apresentou comportamento de choro constante, desespero, desesperança, insônia, medo e pânico, sobretudo em ficar sozinha, alterações de atenção e concentração na escola, apego excessivo com a presença da mãe.

Posteriormente, nos encontros com Caroline, foram observados que a criança se mostrava apática e com pouca verbalização, com cabeça sempre baixa, e fala em tom baixo. Assim como teve dificuldade no momento da técnica de contar uma história. Ao ser questionada acerca de suas relações com a escola, Caroline relata que a escola a ajuda a esquecer a dor relacionada com a perda do pai, e que se envolve com as atividades da mesma, com os colegas e demais professores e servidores e que se sente acolhida e apoiada.

A criança relata “*sinto muita falta do pai*”, diz ter lembranças, e que tem tentado se divertir para esquecer esses momentos. Relata ainda que nunca pensou na possibilidade de perder o pai. Caroline diz conversar com a mãe a respeito do pai, onde a mãe relata para que não fique triste e não pense sobre a perda do pai. Diz tentar esquecer um pouco, pois fica triste ao lembrar desse fato.

Em outro encontro, onde foi aplicado o Jogo - Família Terapêutica, a criança, também pôde falar sobre o pai:

- . A alguém que você se arrepende de ter perdido contato? Meu pai;
- . O que te faz chorar? Ixiii, é muito difícil eu chorar. Lembrar do meu pai, só!
- . Qual pessoa da família você gostaria que te desse um abraço? Meu pai
- . O que você gostaria de dizer essa pessoa (pai)? Eu te amo;
- . Qual é a melhor lembrança que você tem com a sua família? A última vez que saímos para a pizzeria nós quatro e brincadeiras com o meu pai.

O Luto decorrente de morte violenta

Segundo Burke, Neimeyer, e McDevitt-Murphy (2010), o processo de luto derivado de morte violenta pode acarretar sentimentos de angústia, dor, estresse, desorientação e perplexidade nos familiares sobreviventes à morte violenta, principalmente na criança, que ainda está em desenvolvimento maturacional, o que pode resultar na somatização de vários sintomas de sofrimento emocionais, que prejudicará sobremaneira a qualidade de vida da criança, como se percebe no relato da responsável, a seguir:

Naquele momento eu e minhas filhas, sobretudo a Caroline, entramos em choque, não consigo esquecer dos gritos, choros e muito desespero de todas nós, minha filha Caroline ficou mais desesperada, só gritava e chorava. Depois de presenciar a morte do meu esposo nos três, desesperadas permanecemos ali vendo o corpo dele no chão, por cerca de dez horas, assistimos tudo, inclusive o corpo dele jogado no chão, sangrando,

¹ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da participante.

endurecendo, vendo formigas se aproximarem, foram momentos que nunca esqueceremos, e isso me preocupa demais em relação às minhas filhas.

Neste sentido, Zavaschi e cols., (2002) afirmam que a ausência da participação nos rituais de morte do pai ou mãe por parte da criança provocará elevadas ocorrências de depressão na vida adulta e a vivência de sentimentos negativos e culpa. Este fato acentua a relevância do apoio e permissão para que a criança possa participar e falar claramente acerca de sua dor com sua família, corroborando para as expressões e fantasias relacionadas ao luto, impactando sobretudo no desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos envolvidos, em todas as suas fases posteriores de desenvolvimento.

Sendo assim, é de extrema importância que seja realizado uma comunicação direta com a criança, com vistas a ajudá-la a compreender seus sentimentos e atitudes. Para que isso ocorra, sugere-se a utilização de formas de comunicação não verbal, como desenhar, escrever e brincar, bem como viabilizar a participação da criança em funerais ou outros rituais de luto, se ela quiser. Também é de grande relevância falar sobre o falecido e construir novas rotinas em que as relações familiares sejam estimuladas, para que assim a criança se sinta segura novamente (LIMA; KOVÁCS, 2011).

Eu não deixei minhas filhas irem ao velório, pois elas tinham ficado muito desgastadas emocionalmente, presenciando as cenas traumáticas daquele assassinato, vendo o corpo do pai ensanguentado exposto e rígido no cenário do crime, por tempo prolongado, o que na minha opinião só iria aumentar o sofrimento delas, podendo prejudicar ainda mais a vida delas, eu me sentia impotente, não sabia como agir, uma situação que não desejo a ninguém passar.

Zeanah e Burk (1984) com base em seu estudo com crianças enlutadas por morte violenta, apontou que uma das participantes que testemunhou a morte da mãe, nas semanas seguintes ao evento traumático, a criança vivenciou inúmeras reações emocionais e comportamentais: hiperatividade, ansiedade, medo de ir ao banheiro desacompanhada, distúrbios do sono, preocupações com o perigo, enurese noturna, distorções sobre a experiência traumática e sentimentos de raiva e de culpa pela impossibilidade de evitar a morte da mãe.

Schetky (1978), em seu estudo, percebeu diferentes reações de pesar e luto em crianças em processo de luto por morte violenta, como: medo de barulhos altos, questionamentos sobre as causas da morte, sensação de inadequação, linguagem obscena, comportamentos impulsivos, instabilidade de humor e preocupação em relação ao futuro. Desta forma percebe-se o quanto as perdas abruptas impactam potencialmente e somatizam alterações emocionais na vida dos sujeitos, sobretudo de crianças, e tais fatos reforçam a necessidade da vivência direta de todos os processos e fases do luto, para que os impactos emocionais e sintomas relacionados, sejam minimizados.

Desse modo, o relato da mãe da criança participante desta pesquisa, vai de encontro com a literatura, no que diz respeito a esses sentimentos:

Eu percebo alterações enormes e muito preocupantes nos comportamentos da minha filha Caroline, depois da morte do pai dela, principalmente nos três primeiros meses após a morte, como: tristezas e desânimo o tempo todo, medo do pai morto, pânico em estar sozinha em casa, medo dos criminosos voltarem para me matar como fez com o pai dela. Sinto os batimentos do coração dela acelerados isso me mata, quando isso acontece ela transpira que molha roupinha toda, ela quase não dorme eu tive que chegar a dar remédio para ela dormir e quando dorme tem pesadelos, choro constante e ela ficou uma menina com dificuldades de socializar com os outros, inclusive na própria família e escola, percebo os pensamentos dela bagunçados, pensando coisa ruim, além dela ficar obcecada pela segurança da casa, ela fecha toda a casa o tempo todo, como se tivesse numa prisão, com medo, não come direito, sinto ela isolada de tudo e de todos, e quando eu insisto em falar do crime e da morte ela fica agressiva, não quer falar sobre o assunto sabe, ela tá uma pessoa mergulhada num silêncio muito grande, ela corre de tocar na morte do pai. Eu sei que minha filha está sofrendo e não sei como ajudar

Sentimentos da criança

Segundo Mazorra (2001), o não expressar a dor não significa o não sentir, o que provavelmente a criança pode estar sofrendo e não convivendo com a perda de forma saudável, acarretando desta forma em sentimentos que geram sofrimento e a não elaboração dos mesmos, contribuindo para a somatização dos sintomas do luto, neste processo.

Desta forma, para que ocorram mudanças positivas, é essencial que a criança permita-se vivenciar os sentimentos do luto, sendo instigada a falar sobre o que está vivenciando, para conseguir organizar esse luto, evitando que ele se sustente indeterminadamente. Face a isto, Dell Prette (2005), afirma que, falar sobre os sentimentos e representar as emoções são habilidades significativas, pois auxiliam as crianças a modificar uma sensação de temor e incômodo em algo visível e comum. Sendo assim, a perda de um ser importante gera a necessidade de adequação de viver sem a figura perdida, para que os sentimentos disfuncionais provocados pelo luto sejam ressignificados, com vistas a remissão do sofrimento do enlutado (FERREIRA; WIEZZEL, 2005).

Face a isto, a criança relata sentir muita falta do pai, tendo lembranças constantes e que tem se esforçado para esquecer das cenas da morte dele, mas que ainda permanece muito triste diante da perda irreparável e traumática do pai, ocorrida por meio de um homicídio presenciado pela mãe, pela criança e sua irmã mais nova.

No processo de separação do objeto de amor, a criança reprime experiências de satisfação que são projetadas por sintomas somáticos. Tal fenômeno pôde ser observado nos relatos da criança:

Eu sinto muita falta do meu pai, me lembro dele o tempo todo, as vezes tento brincar e me divertir para esquecer esses momentos que eu sofri demais. Nunca pensei que ia perder o meu pai. Eu converso com a minha mãe sobre a morte do meu pai, eu tento esquecer um pouco, pois fico triste ao relembrar isso tudo.



Figura 1. Técnica - Desenho Estória, aplicado na participante. Fonte: arquivo pessoal

Após a aplicação e realização da projeção, foi solicitado para que a mesma contextualizasse seu desenho, apresentando dificuldades em relatar acerca de sua projeção, verbalizando “isso é obrigatório?”, dessa forma, sendo auxiliada para relatar acerca das características de seu desenho, sendo provocada pelo terapeuta sobre os elementos trazidos na projeção.

A criança relata que o desenho representa sua casa, alugada, projetando também a casa da vizinha, bem como os lados da casa, que estão localizados na Rua Alegre, verbalizando a percepção de sua projeção.

As projeções apresentadas no Desenho Estória supramencionado, trazem elementos ligados ao luto, ao isolamento e demais sentimentos relacionados ao sofrimento psíquico de uma criança que perdeu o pai, bem como na insegurança do lar, medo constante da *selfie* do crime, apresentando o desenho da casa como uma prisão, sendo presentes projeções de um ambiente prisioneiro, com a presença de grades, portas fechadas, o que caracteriza um ambiente carregado de medos, pânico e pavor, relacionados ao evento traumático da perda trágica do pai.

Além disso, observou-se que a utilização de técnicas não verbais de comunicação (por exemplo, música, desenhos e narração de histórias), possibilitam a observação das expressões de luto que se manifestam nos comportamentos das crianças. Como proposta para abordagens clínicas, as supramencionadas técnicas e abordagem teórica podem corroborar para a expressão de emoções e pensamentos, viabilizando a experiência do luto e a construção de significados diante da perda (BURMAN; ALLEN-MEARES, 1994; MAZORRA, 2009; MCINTYRE; HOGWOOD, 2006).

Winnicott (2000), traz o uso da criatividade como a base para o bem-estar. Sendo assim, através do desenho, foi possível expressar a manifestação das fantasias, evento essencial para a projeção de seus conflitos, além de mostrar suas relações no presente, corroborando para que a criança possa projetar e expressar suas relações de luto e sofrimento.

IV. Conclusão

A complexidade, subjetividade e multidirecionalidade de se estudar luto em crianças, pressupõe o desenvolvimento e a utilização de metodologias compatíveis com as questões propostas por esse campo de pesquisa. E para que isso ocorra, é necessário suplantarmos a discussão sobre as possibilidades de avaliar processos subjetivos através de métodos empíricos e sair da zona de conforto, substituindo o debate pela ação (SERRALTA, 2011).

No caso do presente estudo de caso, foi possível compreender as expressões do luto trazidas pela criança participante da pesquisa e observar aspectos em relação à perda por morte violenta de um genitor, pode ser um evento complicador do processo de luto para a criança e sua família.

Desse modo, o estudo aponta para a importância da psicoterapia em casos de perdas por morte violenta para possibilitar a expressão dos sentimentos em relação à perda e para que a criança retome seu desenvolvimento emocional, assim como o suporte psicológico para a família, o luto de uma criança reflete em luto familiar.

Face a isto, sugere-se estudos mais profundos acerca das implicações emocionais de mortes violentas em crianças bem como mecanismos terapêuticos para utilização no suporte clínico e no manejo do luto na infância, de modo a corroborar para a minimização dos impactos globais nas fases de desenvolvimento humano destas crianças, até suas fases adultas.

Referências

- [1]. AFFONSO, R.M.L. (Org.). (2012). Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed.
- [2]. ANDRADE, M. L. (2013). Depois do temporal: Um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. doi:10.11606/D.59.2013.tde-12022014-084235
- [3]. BASSO, L. A.; WAINER, R. (2011). Luto e perdas repentinas: Contribuições da terapia cognitivo-comportamental. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 7(1), 35–43. doi:10.5935/1808-5687.20110007
- [4]. BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979
- [5]. BARRETO, Jorgiana Baú Mena; ROCHA, Marilise Vanusa. A ludoterapia no processo do luto infantil: Um estudo de caso. Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos, 2015.
- [6]. BOWLBY, J. (2006). Formação e rompimento dos laços afetivos (4ª ed.) (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1972)
- [7]. BROMBERG, M. H. P. F. (2000). A psicoterapia em situações de perdas e luto. Campinas: Livro Pleno.
- [8]. BURMAN, S.; ALLEN-MEARES, P. (1994). Neglected victims of murder: Children's witness to parental homicide. Social Work, 39(1), 28–34. doi:10.1093/sw/39.1.28
- [9]. BURKE, L. A.; NEIMEYER, R. A.; MCDEVITT-MURPHY, M. E. (2010). African American homicide bereavement: Aspect of social support that predict complicated grief, PST, and depression. Omega, 61(1), 1–24. doi:10.2190/OM.61.1.a
- [10]. DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. Psicologia das habilidades sociais da infância: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2005.
- [11]. DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. (2003). Experiência de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16(3), 577–589. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a16.pdf>.
- [12]. FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. Estudos de Psicologia, v. 24, n. 4, p. 503–511, 2007.
- [13]. FERREIRA, Larissa David; WIEZZEL, Andréia Cristiane S. Agressividade infantil: entre os fatores emocionais e ambientais.
- [14]. LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. Psicologia: ciência e profissão, v. 31, p. 390-405, 2011.
- [15]. MAZORRA, L. A criança e o luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. São Paulo, 2001.
- [16]. MCINTYRE, B.; HOGWOOD, J. (2006). Play, stop and eject. Bereavement Care, 25(3), 47–49. doi:10.1080/02682620608657666
- [17]. MENEZES, Karolline De Jesus Saraiva; BORSA, Juliane Callegaro. A morte de pais por homicídio e o luto infantil: Revisão sistemática. Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 22, n. 2, 2020.
- [18]. PARKES, C. M. (1998). Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta (3ª ed., M. H. Franco, Trad.). São Paulo: Summus Editorial.
- [19]. SCHETKY, D. H. (1978). Preschoolers' responses to murder of their mothers by their fathers: A study of four cases. Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law, 6(1), 45–57.
- [20]. SERRALTA, F. B., & Streb, L. G. (2011). Notas sobre pesquisa em psicoterapia psicanalítica: situação atual e perspectivas. Revista Brasileira de Psicoterapia, 5 (1), 53-66.
- [21]. TORRES, W. DA C. A criança diante da morte. Arq. bras. psicol. (Rio J. 1979), p. 31–42, 1996.
- [22]. TRINCA, W. Formas compreensivas de investigação psicológica: procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 2013.
- [23]. YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. Bookman editora, 2015.
- [24]. WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. (1998). Morte na família: Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed.
- [25]. WORDEN, J. W. (1998). Terapia do luto. Porto Alegre: Artmed
- [26]. ZAVASCHI, M. L. S.; SATLER, F.; POESTER, D.; VARGAS, C. F.; PIAZENSKI, R.; ROHDE, L. A. P.; EIZIRIK, C. L. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 189-195, Out. 2002.
- [27]. ZEANAH, C. H.; BURK, G. S. (1984). A young child who witnessed her mother's murder: Therapeutic and legal considerations. American Journal of Psychotherapy, 38(1), 132–145. doi:10.1176/appi.psychotherapy.1984.38.1.132